

## *Crônicas de José J. Camargo*

**E**SSES TEXTOS do médico José J. Camargo são crônicas. E são excelentes. Ele pensa com a clareza e a precisão de um médico cirurgião, mas também com a sensibilidade que foi construindo ao longo da vida e da sua atividade como médico.

Escreve com igual propriedade sobre a paixão pelos livros como sobre a universidade. Valeria a pena publicar as crônicas todas, pois constituem um mosaico do homem perplexo de hoje e da sociedade que nos envolve com suas precariedades e possibilidades de sempre. Nada é definitivo, como diz José Camargo, tudo é um constante de vir. Valeria a pena insistir com ele para que publicasse um livro de crônicas.

### **Quem é**

José J. Camargo nasceu em Vacaria, no Rio Grande do Sul, no final da tarde de 06 de agosto de 1946, por estranha coincidência, no primeiro aniversário da bomba de Hiroshima. “Foi uma bomba por ano”, admite bem humorado.

Formado em Medicina na Universidade Federal do RGS em 1970, chegou ao Pavilhão Pereira Filho em 1968, como estudante, e fez lá toda sua formação acadêmica e cirúrgica, saindo apenas para o fellowship na Clínica Mayo, no início dos anos 80.

Dirige a cirurgia torácica da Santa Casa desde 1977, quando morreu Ivan Faria Correa, seu mestre querido.

É professor de Cirurgia Torácica na Fundação Faculdade Federal de Ciências Médicas de Porto Alegre (FFFCMPA).

Carlos Appel

Com uma imbatível capacidade de trabalho e uma grande inquietude intelectual, fascinou-se desde cedo pela idéia de transplantar o pulmão, e acabou realizando em 1989 o primeiro transplante de pulmão da América Latina. A partir de então o programa de transplante pulmonar se transformou numa espécie de cartão de visitas da Santa Casa, onde foram realizados , até 2003, 77% dos transplantes pulmonares no Brasil. Dirige também o Centro de Transplantes da Santa Casa (Hospital Dom Vicente Scherer). Em setembro de 1999, fez o primeiro transplante pulmonar com doadores vivos fora dos Estados Unidos.

É membro da Academia Sulriograndense de Medicina, do Colégio Brasileiro de Cirurgiões, do American College of Chest Physicians e da International Society of Heart and Lung Transplantation. Foi presidente da Sociedade Brasileira e da Associação Sudamericana de Cirurgia Torácica.

Foi quatro vezes Parainfo da Turma de Medicina da FFFCMPA, nos anos de 1979, 1986, 1989 e 1995.

Também foi destaque em Medicina Brasileira da Academia Nacional de Medicina, no Rio de Janeiro em 1993, e, no mesmo ano, foi Cidadão Emérito de Porto Alegre, RS e recebeu o Troféu Homem de Ouro do Rio Grande do Sul. Em 1999 recebeu o Troféu “Melhores do Mercosul” em Itapema, SC e o Prêmio Homem do Milênio, como destaque em Medicina e, em março de 2000, recebeu o Troféu Melhores de Medicina do Rio Grande do Sul.

Estimulado à leitura desde cedo, tornou-se um leitor compulsivo, e considera-se um entendido em Eça de Queiroz, John Steinbeck, Artur Miller e Gabriel Garcia Marquez. É apaixonado por teatro (tem uma anorme coleção de *scripts* de peças teatrais) e por cinema (acha que a capacidade de chorar no cinema deveria ser colocada como um pré-requisito para selecionar parceiros interessantes).

Publicou mais de cinquenta crônicas no Jornal Zero Hora, nos últimos anos, e um livro, reunindo-as, está em processo de gestação.

Tem cerca de 160 publicações médicas no Brasil e no exterior e mais de 710 conferências médicas proferidas no país, além de América do Sul , Estados Unidos , Europa e Japão.

### **Os médicos mudaram ?**

Quando a mãe judia acariciava a cabeça do filho de 3 anos e orgulhosa apresentava-o às suas amigas como "Este é o Samuel, médico", havia mais do que o desejo materno de vê-lo realizado economicamente no futuro distante.

Significava também o reconhecimento explícito de que esta é, ou deveria ser, uma profissão para orgulhar qualquer mãe.

Como a piada é antiga, admite-se que muita coisa possa ter mudado nas décadas que se seguiram, mas será que todo o charme se perdeu ?

É inegável que os esporádicos atropelos éticos e o furor da mídia em torno deles têm contribuído para desmistificar a figura do médico. Da mesma forma as freqüentes denúncias, pelos próprios profissionais, das mazelas que cercam o exercício da medicina na saúde pública, contribuem para assemelhá-los aos operários comuns, nas queixas e nos desencantos.

Mas acreditem que, mesmo aviltado pelo ridículo dos salários, mesmo ameaçado pelos inescrupulosos que denunciam erros médicos com interesses inconfessáveis, o antigo *glamour*, na sua essência, continua inalterado.

Porque, enquanto o homem temer a morte, será inevitável a valorização do parceiro mais qualificado para tentar postergá-la.

Atropelado pela avalanche de conhecimentos e premido por exigências para as quais não se qualificou, é justificável que o médico moderno se sinta inseguro com o seu papel social no fim deste século de transformações tão radicais.

É preciso que as pessoas se dêem conta de que, nos últimos 50 anos, aprendemos mais do que em toda a história e passamos de meros espectadores da evolução natural de doenças irreversíveis, a agentes intervencionistas, suficientemente desassombrados para trocar os órgãos, quando não sabemos mais o que fazer com eles.

Perdoem-nos que ainda não tenhamos aprendido a evitar a gripe, mas estivemos ocupados com coisas muito complicadas, como por exemplo tratar enfermidades por manipulação genética, o que antes parecia um delírio mirabolante e que, agora, se afigura como uma realidade muito próxima.

É compreensível que alguns inexperientes tenham sido tomados de soberba, mas é certo que a maturidade vai trazê-los de volta à militância da sensatez.

Cabe a nós, os que vivemos a turbulência da zona de transição mais dramática, a responsabilidade de transmitir aos mais jovens, que chegam deslumbrados ao umbral do novo milênio, a noção de que a Medicina pode ter mudado os instrumentos e as alternativas, mas seguem inalterados os homens, suas dores, medos e fantasias.

Passem os séculos e o médico verdadeiro será sempre identificado como um feliz escravo de uma grande paixão, capaz de consumi-lo com a voracidade de uma amante que não tolera ser mal amada e que, à semelhança do amor e da morte, não concede o meio termo.

Carlos Appel

Não importa o tamanho da carga, nem o desespero pelos erros irreparáveis, nem o rancor destrutivo dos que fazem da crítica uma máscara ingênua de sua própria incompetência.

O médico verdadeiro terá sempre, no fundo de seu coração, esculpido pela humildade e perseverança, um trunfo indestrutível : a inigualável alegria de aliviar sofrimentos !

### **Não pensem por mim !**

As livrarias vão mudando de cara aos longo dos anos e, quem passeia por elas, preguiçoso, descobre o efeito do *marketing* na distribuição dos títulos.

Nos últimos anos, a onda dos livros de auto-ajuda empurrou a literatura séria para a estante do fundo, e ela ficará lá, parada e eterna, até que a gente se cure desta febre de terapia de almanaque.

Os títulos são convidativos e provocantes, porque se ensina de tudo : desde a ter confiança em si mesmo, a dirigir uma empresa sem sair de casa, a ser sedutor, a conquistar amigos e influenciar pessoas, a descobrir forças interiores insuspeitadas e até a ter orgasmos prolongados.

Entre os autores encontram-se profissionais fracassados, culturas duvidosas, ermitões irrecuperáveis, neuróticos, suicidas e impotentes.

Todos com uma coisa em comum: o invejável saldo bancário, a depor contra a autenticidade do ideal anunciado.

Mas é certo que esta avalanche brotou da desesperada necessidade que as pessoas sentem de se mostrarem mais interessantes e competitivas.

Ainda que a auto-ajuda seja uma epidemia universal, seus focos mais intensos estão localizados nos países subdesenvolvidos porque ela, inegavelmente, prospera na sub-educação. E viceja na ânsia de aparentar mais do que se consegue ser, e de oferecer além do que realmente se pode dar.

Ninguém, que tenha formação acadêmica sólida, suporta a literatura místico-religiosa de Paulo Coelho, ou a pregação positivo pastoral de Lair Ribeiro, agora também em CD-ROM.

Quem leu os clássicos não se socorre de livros de frases, nem se contenta com fragmentos pinçados por quem provavelmente não passou do prefácio.

E quem conserva intacta a capacidade de pensar por conta própria, não tolera a fastidiosa tentativa de lavagem cerebral, explícita neste tipo de literatura.

A verdade, no entanto, é que esta onda pseudocultural está aí, beneficiada pela intransferível busca da afirmação pessoal, e alavancada pela imensa solidão que caracteriza a civilização contemporânea, que, aparentemente cansada de não conseguir ser, parece conformada em aparentar.

Os oportunistas, que vislumbraram a demanda crescente, ficaram famosos e ricos. Os conservadores, incluindo as igrejas mais ortodoxas, perderam o público que, premido pela compreensível pressa de ser feliz, não concede soluções a longo prazo.

E a maioria envelhecerá sem perceber que, conviver harmoniosamente com o que de fato somos, é o maior desafio do duro exercício da felicidade.

Por isso, por favor, não pensem por mim !

### **A dignidade de morrer**

Um velho e bem humorado clínico da Columbia University admitiu que, comparado com seu tempo, hoje está mais difícil morrer e que a maioria das pessoas não consegue na primeira tentativa.

Na imensa gama de conquistas que tornaram a medicina mais ousada e mais eficiente, certamente um papel importante coube a terapia intensiva, que enriquecida de uma tecnologia cada vez mais sofisticada, tem garantido o suporte das funções vitais em situações absolutamente críticas e, recuperado para a vida normal a milhares de pessoas que em outras épocas morriam de mãos dadas com a família.

E as famílias estavam convenientemente condicionadas pelo irreversível e as lágrimas e as orações e o incenso queimando, eram poções obrigatórias de um ritual que envolvia a dor da perda inevitável, a preparação para o que acreditavam que viria depois, e a tentativa de disfarçar o inconfundível cheiro da morte.

O prestígio da tecnologia e a divulgação dos grandes feitos da medicina moderna, tem conduzido a maioria dos leigos a ideia equivocada de que a morte que ocorra fora das unidades de terapia intensiva significa, em princípio, uma decorrência da sub-utilização dos recursos médicos disponíveis.

E com isso os médicos são muitas vezes pressionados a levarem para a UTI pacientes moribundos, porque os familiares inconscientemente consideram que a morte natural, cercada do carinho dos que realmente vão lamentar a sua perda, simboliza uma desistência antecipada, com direito a sentimento de culpa no futuro.

Carlos Appel

E o médico menos experiente não sabendo como manejar esta situação difícil, e temendo ser acusado de omissão ou negligência, sucumbe ao impulso de mostrar serviço, e protela o sempre desconfortável exercício de impotência que envolve o anúncio de que a morte é inexorável.

Ignoram que a UTI não é lugar de se morrer, mas de se lutar contra a morte, com toda a força e desesperadamente, mas tão somente quando se antecipe uma vida digna depois deste enfrentamento.

Ninguém que seja portador de uma condição clínica irreversível merece a frieza, o tumulto, a independência afetiva e a impessoalidade de uma Unidade de Terapia Intensiva.

Os alarmes, os bips, o ruído das máquinas, a luz constante, a proximidade da desgraça, a nudez desprotegida, a conversa alienada de pessoas que parecem não entender o significado da dor física, nem ter a mínima idéia do que seja o medo da morte, fazem da UTI o inferno terrestre dos pacientes lúcidos.

Precisamos definitivamente entender que toda a tecnologia maravilhosa, mas agressiva, só tem sentido para recuperar a vida, nunca para protelar a morte.

Preservar a dignidade de morrer é conservar-lhe a naturalidade. É fugir do horror contido no olhar perplexo dos moribundos, que sem chance de escolha sentem-se encurralados entre máquinas frias, e encaram-nos com o cenho franzido, o rosto encovado e o nariz pontudo. Como uma acusação !

### **Um velho e seus livros**

No tempo em que viveu, todos liam mais o pouco que havia para ler, até porque sem a enxurrada atual de imagens, a leitura era a melhor viagem possível.

Fascinado por livros e autores, disputava com a mulher a audiência pouco entusiasmada dos netos, com algum texto capaz de provocar, quem sabe, algum *frisson* promissor na gurizada.

E assim, muitas noites de inverno foram embaladas com trechos de *O tempo e o vento*, *A ilustre casa de Ramires*, *Dom Casmurro* e *As vinhas da ira*.

Convencido de que, quanto antes comesassem, melhor, tomou para si a iniciação dos netos na leitura, antes que despertassem para o jogo ou outra perda de tempo qualquer.

Como intuía que começar mal poderia afugentá-los para sempre, tratou de selecionar o autor mais adequado, de acordo com a sensibilidade de cada neto.

Claro que ninguém entendeu quando, no verão seguinte, levou a todos para a praia, e tomando um a um pela mão, mostrou-lhes o mar. Na sua opinião, o brilho do olho, ou a falta dele, recomendaria o primeiro autor. Aos comovidos, Machado de Assis ou Érico. Para os outros, o José de Alencar já serviria.

Quando os livros começaram a proliferar, ficou ansioso, porque pareceu-lhe óbvio que não poderia lê-los todos. Acalmou-se ao perceber que, os que não podem deixar de ser lidos são poucos, e são os mesmos, porque aparentemente há muito se perdera a preocupação com o definitivo.

Nunca tentou ensinar a ninguém como se ama a um livro, temeroso de ser ridicularizado. Mas o entusiasmo contagiante tinha a ansiedade do amor anunciado ainda na seleção do catálogo. Depois, a euforia quase infantil na chegada da encomenda, a abertura da tampa, o toque delicado, e o deleite pelas capas e pelo cheiro. Considerava irrecuperáveis os que não estremecessem com o cheiro de um livro novo.

Teria lamentado o brilho inodoro das modernas estantes de CD-ROM.

Comprou livros a vida inteira. Para lê-los a quase todos, mas também para conviver com eles como seres tão próximos que só os insensíveis conseguiriam tratá-los como objetos.

Quando a sala planejada para biblioteca, ficou pequena, a solução foi ir retirando as paredes, até que a casa passou a ter apenas três peças: a cozinha, o banheiro e a biblioteca.

Depois de velho e só, passava horas tentando encontrar aquele trecho inesquecível, num daqueles antigos parceiros, que quase cego ainda os identificava pelo tato apurado, e, com o livro apertado contra o peito, o texto voltava inteiro, como uma oferenda da memória agradecida ao coração garimpador de preciosidades.

Os problemas começaram quando alguém resolveu ordená-los por autor, e com isso os Steinbeck, Stendhal e Zola podiam ainda ser acariciados enquanto vagueava pela sala com a mão enrugada roçando as prateleiras de baixo, mas os Borges e os Cortázar ficaram lá em cima, só ao alcance da escada.

E foi assim, empoleirado, lendo mais uma vez a Casa tomada que sempre lhe acelerava o coração, que sentiu um aperto no peito. E despencou com o livro protegido contra o pulôver para que não se rompesse a capa. E com ele a estante inteira, em um farfalhar desordenado.

Quando foi encontrado, no dia seguinte, tinha um ar de gratidão pelo último Cortázar, e estava quase soterrado de livros.

Uma ironia. Com ares de homenagem.

## **Sobre um amor incondicional**

Todos os amores são vitais e indispensáveis. Se não, como explicar a sensação de morte quando eles se vão?

Mas esses amores que, quando eclodem, mudam nossos referenciais, e, na alucinação de cada descoberta, nos transformam outra vez em adolescentes inseguros e sonhadores. Esses amores são todos condicionais. Eles dão e cobram reciprocidade, e só não pedem recibo por constrangimento. E cada cláusula não cumprida deste contrato não escrito, implicará numa sentença que oscilará inexoravelmente entre a indiferença e o ódio, que só os otimistas e os ingênuos não percebem que é a mesma coisa. E esse amor, por ser assim condicional, sempre ameaçado pela falibilidade de seus pobres atores, tem uma remotíssima chance de ser intenso e duradouro, porque quanto mais intenso, menos espaço concederá ao perdão. Provavelmente por isso, quando os grandes amores terminam, não sobra nada, e podem desconfiar da intensidade de um amor que acabou numa grande amizade. Ou não era amor, ou não foi tão grande, ou tem alguém ainda amando em segredo na expectativa desesperada de que o outro, por favor, descubra isso.

E não vale citar exemplos de amores sobreviventes a muitas brigas, porque o perdão sempre é parcial e fica arquivado para ser ressuscitado inteiro em cada desconforto, e do qual talvez sobreviva outra vez, mas sempre remediado e melancolicamente menor.

Nisso tudo, contrasta o amor de mãe que, sem ser menos intenso, é o único que não tem vergonha de ser absolutamente incondicional.

O único amor que sobrevive ao descaso, à indiferença, à traição, simplesmente porque está acima dessas miudezas da alma humana, nunca será de fato ameaçado por elas.

Ofenda sua mãe e ela soluçará como uma namorada, mas quando as lágrimas secarem, ela já estará se sentindo um pouco culpada pelo desamor do filho, e buscando um jeito de reconquistá-lo.

Esse é o amor padrão da imensa maioria das mães, que idolatram filhos imperfeitos e explicam atitudes inexplicáveis e são capazes de dar a vida pelos seus filhotes medíocres mas maravilhosos.

Ser mãe é ficar emocionada com os movimentos anárquicos daquele corpúsculo disforme na ecografia e depois chorar de pura emoção ao receber aquele frangote gosmento, de cara torta e mal acabada.

Ser mãe é dobrar com carinho as suas roupas de recém-nascido e se estremecer ao lembrar o inesquecível cheiro de bebê que você um dia teve no pescoço, não importa quanto tempo já tenha passado.

Ser mãe é não pregar o olho nas madrugadas infundáveis e fingir que dorme placidamente quando você finalmente retorna barulhento e despreocupado.

Ser mãe é perceber a tristeza do filho por trás do sorriso disfarçado e intuir que alguma coisa está errada quando o machão autoritário reaparece com ar de filho extremado.

Ser mãe é sublimar o ranço ciumento da nora ou genro para manter o rebento por perto, e suportar em silêncio a repetição dos erros que ela própria cometeu, para não parecer intrometida.

Ser mãe é doar um órgão para salvar o filho doente, e ser operada e não usar nenhum analgésico, como se a queixa de dor pudesse minimizar o tamanho do seu gesto.

Ser mãe é oferecer um pulmão inteiro para tentar salvar a filhota linda, e, ao ser informada que isso não seria possível porque colocaria em risco sua própria vida, perguntar: "E viver para quê, sem a minha filha"?

Num mundo de generosidades ameaçadas, que tal fazer do dia das mães uma homenagem ao amor incondicional?

Diga isso a sua mãe neste 13 de maio e receberá dela um sorriso que só uma mãe sabe sorrir e, quando ela te abraçar agradecida, tenha a certeza de que a alegria que ela estará sentindo, se misturará generosamente com o doce perdão pela sua demora em perceber a incondicionalidade do seu amor de mãe.

Se você não confiar na eficácia do discurso, leve também um presentinho, mas não se iluda, quando ela afagar dissimuladamente o pacote, gostaria mesmo de estar acariciando o coração do menino que ela sempre amou mais do que a ela mesma, sem sentir necessidade de confessar para ninguém.

## **A universidade e seu destino**

O relacionamento do Brasil com a Universidade tende a colocá-la cada vez mais na contramão da História, de onde talvez só sairá com o sacrifício injusto de muitas gerações. Nosso país tem se notabilizado por pensar a Universidade equivocadamente ao longo de décadas. Enquanto os países avançados usam a Universidade como uma fonte geradora de idéias e alavancam nela os progressos da iniciativa pública e privada, no Brasil o papel da Universidade tem sido geralmente questionado, algumas vezes ignorado e não raro ridicularizado.

*Carlos Appel*

Como em toda a atividade pensante, o desempenho da Universidade depende criticamente da liberdade de expressão e, nesse aspecto, todos os solavancos históricos da nossa democracia instável e descontínua representaram percalços terríveis ao desempenho universitário.

Desabituaado de pensar por conta própria, o país tem se arrastado como um autômato, ora atropelado pelo delírio dos oportunistas afoitos, ora seduzido pelos modismos concebidos por cabeças alheias.

Recuperada a liberdade, há claramente alguma dificuldade de descobrir o que fazer com ela.

A visão distorcida da Universidade pela população em geral remonta ao século passado, quando a intelectualidade imperial entendeu a Universidade como uma redoma só acessível aos filhos de sangue nobre. Esta concepção elitista foi responsável por uma geração mais pretensiosa do que erudita, com a afetação característica dos almofadinhas poltrões.

Nas décadas que se seguiram, os regimes ditatoriais se encarregaram de esmagar a Universidade com a força e o rancor de quem sabe que o maior inimigo é o que tem idéias próprias.

Recuperada a liberdade, há claramente alguma dificuldade de descobrir o que fazer com ela. A Universidade que sobrou expôs em seus escombros dois tipos de fósseis igualmente abjetos: os conservadores que pensam poder indefinidamente manipular os cérebros amolecidos pela inércia e os reformistas radicais que se tornaram amargos pela imensa dificuldade de admitir que gastaram uma vida inteira defendendo uma causa oca, aquela que atrás do biombo da igualdade ocultou a ditadura mais humilhante e mais feroz.

Sem a preocupação de punir os maiores culpados, precisamos recompor a nossa Universidade, porque ela é a única base para a construção de um país livre e autônomo.

Esta recomposição envolverá obrigatoriamente o agrupamento em torno de si das melhores cabeças e a preservação delas com sedutoras condições de trabalho e de pesquisa. A Universidade precisa urgentemente deixar de ser o refúgio dos médiocres que não lograram espaço no competitivo mercado de trabalho. Esses precisam deixar de fazer de conta que estão fazendo coisas importantes e nós todos precisamos assumir que não valorizamos o que eles fazem.

Reconstruída na sua base, a Universidade passará a ser reconhecida, sem favores ou concessões, mas com a autoridade do respeito conquistado.

O governo precisa entender que a conquista da modernidade só deixará de ser uma quimera quando a criança inteligente tiver o caminho aberto para

a Universidade e puder chegar lá com naturalidade, independente da classe social.

Por outro lado, a graduação universitária precisa ser séria e conseqüente. O jovem que gasta anos preciosos de sua vida na busca de diploma. Não conseguir exercer a sua profissão é o atestado ambulante da crueldade de um sistema criado por um misto de incompetência e estupidez.

Implantar uma Universidade séria também significa a priorização do tipo de profissional que a sociedade necessita e a garantia de que esse investimento se justificará. A proposição de outro caminho para o progresso social parecerá utópica e demagógica.

Desvalorizar a Universidade sempre será o caminho mais curto para a servidão.

**Carlos APPEL**

